FILME ETNOGRÁFICO EM TEMPOS DE PANDEMIA: CURADORIA, REFLEXÕES E APRENDIZADOS NA MOSTRA ARANDU

ETHNOGRAPHIC FILM IN PANDEMIC TIMES: CURATION, REFLECTIONS AND LEARNING IN THE ARANDU FILM FESTIVAL

Martinho Braga de Mendonça
Cíntia Pretti Di Giorgi
Glauco Machado
José Muniz Falcão Neto

RESUMO: O artigo traz apontamentos sobre a Mostra Arandu de Filmes Etnográficos, que teve sua 3ª edição totalmente disponibilizada *online*, através de um processo de curadoria compartilhada em rede. Trata-se de analisar como a experiência do *streaming* e do compartilhamento *online* possibilitaram ampliar o alcance e o sentido da Mostra, em consonância com uma política pedagógica de ensino e pesquisa do audiovisual numa universidade pública. Nesse contexto destaca-se a articulação, por um lado, com a rede nacional de pesquisa em antropologia visual da Associação Brasileira de Antropologia, e de outro, com a produção local de estudantes e docentes do curso de bacharelado em Antropologia no Campus da UFPB em Rio Tinto-PB.

Palavras-chave: Filme etnográfico; Mostras de cinema; Rio Tinto

ABSTRACT: The article brings notes on the Arandu Ethnographic Film Screenings, which had its 3rd edition fully available online, through a network shared curation process. It is about analyzing how the experience of streaming and online availability made it possible to expand the scope and meaning of this event, in line with a pedagogical policy for teaching and researching visual anthropology in a public university. In this context, focuses the articulation, on the one hand, with the national network of research in visual anthropology of the Brazilian Association of Anthropology, and on the other hand, with the local production of students and professors of the Bachelor's degree in Anthropology of the Federal University of Paraiba in Rio Tinto-PB.

Key-words: Ethnographic film; Film festivals; Rio Tinto

INTRODUÇÃO

A primeira edição da Mostra Arandu de Filmes Etnográficos ocorreu em 2016 em João Pessoa, durante a 30ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA). Tratava-se, na época, de uma

proposta paralela e complementar às exibições fílmicas do Prêmio Pierre Verger[1]/ABA[2] para filmes etnográficos. Através de um edital próprio que destacava o caráter não competitivo e a possibilidade de integração entre nossa produção local, advinda do ensino e da pesquisa no Campus da UFPB em Rio Tinto, e outras produções nacionais de interesse antropológico. Promovida pelo Laboratório de Antropologia Visual Arandu e pelo grupo de estudos AVAEDOC[3], da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), essa primeira Mostra teve por objetivo principal "(...) estimular a realização do intercâmbio entre a UFPB, local de acolhida da 30ª RBA, e a antropologia visual no país (...)" e, nesse sentido, pretendeu:

> "(...) aproximar grupos e pessoas de forma democrática, inclusiva e colaborativa, sendo um acontecimento sem premiação, que visa promover o encontro mais do que a competição, que valoriza a dimensão de autogestão potencialmente presente entre parceiros e colaboradores interessados, independentemente de eventuais patrocínios e/ou recursos eventualmente levantados. (...)"[4]

Ancorada em experiência presencial, essa 1ª edição trazia consigo a "(...) busca de uma discussão mais aprofundada sobre a história e as diferentes vocações da antropologia visual no Brasil. (...)" (*Ibid*.). Com uma convocatória realizada através do site da 30ª RBA, entre a produção local e filmes de outras partes do Brasil, exibimos um total de 13 obras e 2 menções especiais. As exibições foram marcadas pelo debate sobre os filmes, com presença dos(as) realizadores(as), logo após as sessões, ocorridas no Cine Aruanda que fica no campus da UFPB em João Pessoa. Essa primeira edição, integrada às demais mostras e exposições da 30ª RBA, contou também com a produção, pelo grupo AVAEDOC, de uma série de entrevistas[5] com estudiosos e realizadores no campo da antropologia e do cinema, tais como Ana Lúcia Ferraz e Ruben Caixeta de Queiroz, entre outros(as).

A 2ª edição da Mostra, em 2018, ocorreu no âmbito do projeto de extensão "Festival de Cinema do Vale do Mamanguape" e realizou oficinas, minicursos e atividades locais diversas, ampliando suas possibilidades de alcance social. Esta edição

1. O Prêmio Pierre Verger de Filmes Etnográficos foi criado em 1996 pela Associação Brasileira de Antropologia; na mesma década, em 1993, surgiu a Mostra Internacional do Filme Etnográfico do Rio de Janeiro, sob coordenação de Patrícia Monte-Mór; eventos que, desde então, impulsionaram outras mostras e festivais, tanto quanto o debate mais específico acerca do filme etnográfico no Brasil.
2. Associação Brasileira de Antropologia, doravante referida como ABA, sendo as Reuniões Brasileiras de Antropologia, organizadas a cada dois anos por essa associação, referidas doravante como RBAs.
3. Antropologia Visual, Artes, Etnografias e Documentários (AVAEDOC) é um grupo de pesquisa que funciona no Campus de Rio Tinto da UFPB, desde 2009, com sede no Laboratório de Antropologia Visual Arandu, localizado no mesmo Campus, junto ao Curso de Bacharelado em Antropologia.
4. Texto da página da 1a Mostra Arandu na 30a RBA. Disponível em: <https://www.30rba.abant.org.br/conteudo/view?ID_CONTEUDO=422>. Acesso em: 02set21.
5. Material que compõe nossos acervos, sendo usados às vezes em aulas e/ou atividades do AVAEDOC, tais como as oficinas de edição colaborativa. Fazem parte também do projeto "Conversas sobre antropologia visual".

contou com a inscrição através de edital aberto, por onde chegaram diversos filmes, sejam etnográficos, advindos de contextos de pesquisas antropológicas, ou mesmo outros tipos de documentários, realizados por estudantes de cursos como o de cinema ou por produtoras de cinema[6] da região. Tivemos, assim, pequenas mostras com filmes locais[7] e convidados[8] em diversos pontos das cidades de Mamanguape e Rio Tinto, no intuito de levar as exibições para as comunidades locais, além de trazer os(as) colaboradores(as) de pesquisa para apresentarem suas atividades culturais dentro da universidade, para um público composto de estudantes, professores(as), técnicos(as) e terceirizados[9].

Após esse conjunto de atividades de extensão universitária, tais como pequenas mostras e oficinas, veio a culminância do Festival, com a 2ª Mostra Arandu de Filmes Etnográficos, ocorrida na sala de exibições do Laboratório de Antropologia Visual Arandu em Rio Tinto, com a presença, sempre que possível, dos(as) diretores(as) e de debatedores(as) parceiros(as). As exibições programadas na parte da noite eram, assim, acompanhadas de debates que procuravam esclarecer aspectos diversos dos processos de realização fílmica, tanto quanto dos assuntos abordados nos filmes apresentados. Uma das debatedoras parceiras nessa ocasião foi Virgínia Gualberto que coordena, juntamente com Torquato Joel, o Laboratório Paraibano para Jovens Roteiristas (JABRE).

Dois anos depois, em 2020, com a eclosão da pandemia e suas restrições a partir de março, as reuniões quinzenais do grupo de pesquisa AVAEDOC em Rio Tinto, até então sempre presenciais, ficaram suspensas por um tempo, para serem retomadas posteriormente através da plataforma *Zoom*. Nossos primeiros encontros virtuais foram realizados entre maio e julho. Começava assim a nascer a edição *online* da mostra, que começaria em agosto, ao passo em que nos familiarizamos com as *lives,* realizadas cada vez mais, por toda a gente em diferentes canais, sobretudo o *Youtube*. Contando com uma equipe de cerca de dez pessoas, entre docentes, técnico e estudantes[10], aos poucos aprendemos como realizar transmissões ao vivo

6. Em sua maioria as produtoras eram do estado de Pernambuco.
7. Destaca-se a exibição do filme "Imagens e memórias: os cinemas no vale do mamanguape" no campus IV da UFPB. No mesmo dia de exibição houve também a exposição da coleção fotográfica de Júnior da locadora, colaborador da pesquisa sobre cinemas e memória.
8. Um dos convidados foi o cineasta paraibano Marcus Villar, onde exibimos e debatemos o filme "O senhor do castelo" no Cabanada Bar.
9. Aqui também apontamos a Mostra de filmes de graduação, exibidos no *Hall* de aulas do campus da UFPB em Rio Tinto, os filmes foram "Lapinha do Alto do Tambá", "Coco da gente", "Toré forte" e "Rock da Rainha". Após as exibições ocorreram as apresentações da lapinha e do coco de roda na Oca dentro do campus universitário. Os filmes podem ser vistos em: <https://mostraarandu.blog/category/mostra-filmes-de-graduacao/>. Data de acesso: 2set21.
10. Participaram da organização e produção da Mostra em 2020: José Muniz, Oswaldo Giovannini Jr., João Mendonça, Glauco Machado, Cintia Di Giorgi, Rafaella Sualdini, Deise Marques, Gabriela Salatine, João Velame e Eduardo Donato, além da colaboração pontual de Lara Amorim e Marco Aurélio Paz Tella.

através da tecnologia de *streaming*, quando nossos encontros via plataforma *Zoom* passaram a servir de base para experimentar e depois realizar as transmissões da Mostra em nosso canal do *Youtube*.

Entretanto, nossas reflexões sobre as experiências das edições anteriores, somadas ao estreitamento dos laços com outros membros da Rede de Pesquisa em Antropologia Visual[11] ligada à ABA[12], nos levaram a conceber uma proposta diferenciada de curadoria, que ao mesmo tempo mantinha os propósitos que originaram a Mostra e que se fizeram presentes nas edições anteriores, desde 2016[13]. A aposta na curadoria compartilhada em rede significou, entre outras coisas: abrir mão de lançar edital para inscrições de filmes; mobilizar e estreitar laços junto à Rede de Pesquisa em Antropologia Visual; dar visibilidade aos processos de formação de cineastas, antropólogos ou cientistas sociais, desde a graduação; conceber debates a partir de temas mais transversais, articulados à história e às metodologias do filme etnográfico, como um campo mais específico no universo do cinema; disponibilização online programada e cumulativa dos filmes, a cada semana, sem quaisquer restrições de acesso; transmissões ao vivo de conferências e mesas redondas semanais.

Esse conjunto de fatores servirá de base aos nossos apontamentos, eventualmente acompanhados de exemplos pontuais, de modo a explorar as consequências da reclusão social para a realização da mostra, bem como suas perspectivas futuras. Em que medida, portanto, a circunstância extraordinária da pandemia, em que pesem os prejuízos que acarreta em termos de vidas humanas e restrições sociais, favoreceu o uso de tecnologias de transmissão por *streaming* tanto quanto a mobilização de uma rede de pesquisadores(as) articulada em diferentes estados, reunida para debater temáticas próprias dos filmes etnográficos? Como analisar os resultados alcançados e as dificuldades enfrentadas ao longo do evento, que teve duração de cerca de dois meses? Quais as principais especificidades que poderiam distinguir a Mostra Arandu de outros eventos similares? Por fim, como pensar a produção reunida na Mostra Arandu em face das tendências contemporâneas que podem ser observadas nos festivais de documentários em geral?

11. Parcerias tais como as de Alessandro Campos, Lisabete Coradini, Ana Lúcia Ferraz, Nilson Almino, Alex Vailati, Cornélia Eckert, entre tantas outras.
12. Rede organizada junto ao Comitê de Antropologia Visual da ABA (CAV-ABA), então sob a coordenação de Lisabete Coradini. Disponível em: <https://cavantropologiavis.wixsite.com/cavaba/>. Acesso em 2set21.
13. Filmes e informações das três edições da Mostra Arandu podem ser acessados em sua página eletrônica. Disponível em: <https://mostraarandu.blog/>. Acesso em 2set21.

CURADORIA COMPARTILHADA EM REDE

A equipe de curadoria[14] da 3ª Mostra Arandu foi concebida para dar conta de um processo de comunicação com grupos de pesquisa externos à UFPB, tanto quanto com estudantes e pesquisadores locais. Foi assim que pudemos olhar para uma gama de produções diversas, sejam locais ou vindas de várias regiões do país, para chegar ao conjunto final dos 41 filmes selecionados. Através de um convite direcionado a todos os grupos da Rede de Pesquisa em Antropologia Visual[15], foi solicitada a indicação de filmes para até duas categorias: filmes produzidos no âmbito de cursos de graduação e filmes produzidos em quaisquer outros contextos por membros desses grupos, núcleos ou laboratórios de pesquisa.

A curadoria compartilhada em rede, portanto, não indica somente que três curadores se reuniram utilizando a rede de internet para apreciar, discutir e organizar seletivamente um conjunto de filmes enviados para a Mostra. Mais do que isso, aponta para o processo colaborativo estabelecido com uma rede nacional de pesquisadores(as), ou seja, cada coordenação local de núcleo, grupo ou laboratório, em diferentes estados e regiões, definiu sua própria dinâmica, em termos de selecionar um ou até dois filmes, a partir de suas produções internas, para serem enviados à Mostra Arandu. Internamente, por outro lado, o convite foi disponibilizado junto às coordenações dos cursos de antropologia, sobre o que vale a pena um breve esclarecimento acerca das nossas produções locais.

O curso de Bacharelado em Antropologia da UFPB começou a funcionar em 2007, a partir da aprovação do seu primeiro Projeto Pedagógico de Curso em 2006. Esse projeto foi submetido e contemplado junto às políticas de reestruturação, expansão e interiorização das universidades federais implementadas naquela época. O fato de que professores da área de comunicação[16], os quais haviam se envolvido com as oficinas dos Ateliers VARAN na França nos anos 1980 (AMORIM & FALCONE, 2013), tenham sido protagonistas na equipe que elaborou esse primeiro Projeto Pedagógico, é um dos fatores que levou à peculiar característica desse curso: a proposta de oferecer formação em antropologia visual na estrutura curricular. Fator que em certa medida propiciou também a criação da linha de pesquisa em "Imagens, Patrimônios, Artes e Performances" no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB, em funcionamento desde 2011.

Desse modo a organização da Mostra Arandu, desde sua primeira edição em 2016, teve entre seus objetivos a divulgação e a busca de diálogos externos em torno das produções audiovisuais

14. Equipe formada por Cintia Di Giorgi, João Mendonça e José Muniz.
15. Lista dos grupos, núcleos e laboratórios disponível no site do Comitê de Antropologia Visual da ABA disponível em: <https://cavantropologiavis.wixsite.com/cavaba/laboratorios-e-grupos>. Acesso em 2set21.
16. Prof. João de Lima Gomes (CCTA/UFPB) e Profa. Annelsina Trigueiro (CCTA/UFPB).

de estudantes e docentes dos cursos de antropologia da UFPB. São filmes produzidos para disciplinas, projetos de extensão e de pesquisa. A formação em antropologia visual tem sido debatida há pelo menos uma década no âmbito da Associação Brasileira de Antropologia (FERRAZ & MENDONÇA, 2014). Ao considerar o chamado filme etnográfico como um campo mais específico dentro do cinema, entendemos que o debate em torno da formação (entre outros temas) em antropologia visual ganha relevância, na medida em que fornece subsídios teóricos e metodológicos para pensar e realizar pesquisas fílmicas e documentários.

Nesse contexto *online* em que nossas produções locais puderam ser articuladas num debate mais amplo, com pesquisadores(as) da Rede de Pesquisa em Antropologia Visual, nos vimos num evento de abrangência nacional, com a presença de filmes e participantes vindos de universidades do norte ao sul[17]. Ao mesmo tempo, entendemos que é próprio do filme etnográfico se abrir para fora dos muros da universidade[18] e, nesse sentido, a curadoria procurou estabelecer contatos também com parceiros colaboradores e/ou mesmo protagonistas dos filmes selecionados, além dos realizadores. Essa busca das dimensões extra-muros (típica também de projetos de extensão) bem como a ênfase nos processos colaborativos, já presentes na primeira edição, se ampliaram com a possibilidade de contatos através de diversos canais eletrônicos (além de emails), o que nos permitiu apostar nos encontros virtuais ao vivo com realizadores e mesmo personagens dos filmes. Além disso, a reflexão sobre a circulação de filmes etnográficos em cineclubes e outros contextos se somou ao desafio de pensar a mostra em formato *online*.

Haja vista à grande quantidade de assuntos abordados pelos filmes selecionados e a perspectiva de priorizar a reflexão sobre o fazer audiovisual, motivada pelas experiências de ensino locais tanto quanto pelos debates junto à Rede de Pesquisa em Antropologia Visual, decidimos estabelecer eixos de discussão transversais. Nesse sentido, as temáticas específicas de cada filme importaram menos do que os múltiplos processos da realização fílmica, priorizados na organização curatorial. Oito eixos formaram a base para as mesas redondas transmitidas ao vivo, com presença de realizadores(as) locais e de todo o país, além de debatedores(as) convidados(as), ligados à rede CAV-ABA, para cada uma das oito sessões de debate. Esse ciclo de debates em mesas redondas, transmitidas ao vivo pelo *Youtube*, caracterizou a edição *online* da Mostra em 2020 e permitiu realizar encontros e apreciações fílmicas com níveis de diversidade, qualidade e intensidade bastante altos, os quais exigiriam um enorme investimento financeiro caso fossem em modalidade presencial.

17. Para mencionar apenas debatedoras(es) e conferencistas convidadas(os), muitas(os) dos quais com filmes presentes na mostra: Alessandro Campos (UFPA), Alex Vailati (UFPE), Ana Paula Alves Ribeiro (UERJ), Denise Cardoso (UFPA), Lisabete Coradini (UFRN), Nilson Almino (UVA/LABOME), Philippi Bandeira (UFPE), Rafael Matos (UFRN), Rose Satiko (USP), Siloé Amorim (UFAL) e Sylvia Caiuby Novaes (USP).
18. Oficinas e minicursos *online* também foram oferecidos nesta 3ª Mostra, ampliando as possibilidades de participação e parcerias.

CINEMA E ANTROPOLOGIA: COMPARTILHANDO SABERES

A presença dos(as) pesquisadores(as) diversos(as) do campo da antropologia neste ciclo de debates, em sua maioria ligados(as) à produção audiovisual, possibilitou a aproximação dos grupos de pesquisa das diferentes regiões do país. Isso ampliou para os(as) discentes e pesquisadores(as) que participaram da 3ª Mostra, com seus filmes ou como ouvintes, o acesso às discussões sobre antropologia, cinema e fotografia. Desse modo o evento teve considerável importância na formação dos(as) jovens pesquisadores(as)/cineastas que se dedicam ao conhecimento da antropologia visual brasileira em suas diferentes perspectivas de produção. Concomitantemente, estas distintas interlocuções também possibilitaram a participação de outros(as) agentes sociais, gente que participou como colaborador(a) nas pesquisas e filmes. Sendo a 3ª Mostra concebida como projeto de extensão universitária, articulada ao ensino e à pesquisa, pudemos levar adiante reflexões e propostas pedagógicas que tornam a universidade mais inclusiva[19].

> Conceber as ações acadêmicas sob novos paradigmas de formação exige a formulação de políticas pedagógicas que articulem, de forma inovadora, ensino, pesquisa e extensão, viabilizando a relação transformadora entre universidade e sociedade e mobilizando, para o ensino, possibilidades, metodologias e estratégias alternativas no exercício da aprendizagem e na construção do conhecimento. (RIBEIRO , MELLO e ALMEIDA, 2011 *apud* FERRAZ, 2014, p. 46)

A cada semana, portanto, um conjunto de filmes era disponibilizado no site da mostra, ao tempo em que seus realizadores participavam de uma mesa redonda, de modo a debater um dos seguintes eixos temáticos: aprendizados do filme etnográfico na graduação (iniciação científica, projetos de extensão, trabalhos de conclusão de curso, etc.); processos colaborativos: direção, edição e criação coletiva; processos colaborativos e relações éticas: limites da antropologia compartilhada; pesquisa fílmica e etnobiografia; circulação do filme etnográfico: canais e circuitos de exibição; produção de imagens e edição em casos de rituais e/ou grupos restritos; etnoficção, experimentações e limites da concepção documental. Com cerca de três a nove filmes no máximo por semana (cerca de duas horas de filmes, com livre acesso em qualquer horário), promovemos ainda os minicursos e oficinas nas quartas-feiras, além das mesas redondas transmitidas ao vivo nas quintas-feiras, um total de oito, ao longo de dois meses, entre agosto e outubro.

As diferentes temáticas e metodologias utilizadas nas produções selecionadas, repercutiram na construção dos eixos transversais de discussão, aprofundando temas caros à produção

19. Apesar das condições desiguais de acesso à rede mundial de computadores e as plataformas de compartilhamento em meio a pandemia. Tentamos, na medida do possível, compartilhar os diversos saberes construídos dentro da 3ª Mostra.

do filme etnográfico, os quais potencializaram os filmes dos(as) realizadores(as) e os debates. Ou seja, os eixos temáticos transversais foram pensados ao longo do processo curatorial e nos diálogos construídos pela equipe via plataforma *zoom*. As diferentes abordagens e estratégias de realização dos filmes enviados à 3ª Mostra, refletiram não apenas no processo criativo e organizacional dos eixos temáticos transversais, mas também nos convites aos debatedores de cada uma das oito mesas redondas programadas. Procuramos, assim, sempre que possível, alocar pesquisadores(as) cineastas e debatedores(as) nos eixos que tinham relação com as suas linhas de pesquisa, promovendo um debate potente e substancial, permitindo um maior aprofundamento de cada tema proposto para debate nas mesas redondas da 3ª Mostra[20]. Nos próximos tópicos, abordaremos duas dimensões, entre outras tantas possíveis, daquilo que foi a experiência da edição *online* da mostra Arandu.

O FILME ETNOGRÁFICO NA GRADUAÇÃO

Durante os debates foram compartilhados diversos saberes que são necessários dentro da formação do(a) jovem pesquisador(a) antropólogo(a), que utiliza a linguagem cinematográfica nas suas produções etnográficas. Conjuntamente, estas trocas de conhecimento aproximaram perspectivas diversas dos processos construtivos de uma antropologia colaborativa e compartilhada, as quais, por sua vez, passaram a ecoar em planejamentos pedagógicos e prospecção de novas pesquisas. A mostra foi, portanto, um momento oportuno de expor e pensar "(...) em novos modelos de ensino-aprendizagem que permitam uma estreita colaboração professor/aluno e, consequentemente, a circulação de novos saberes (...)" (CORADINI, 2014, p. 240-241).

Uma das disciplinas oferecidas no curso de Bacharelado em Antropologia da UFPB[21], oferece aos estudantes a oportunidade de produzir um micro-documentário como resultado de estudos e atividades ao longo do período. O conteúdo programático da disciplina se divide em uma parte teórica e histórica quando autores, cineastas-antropólogos, clássicos da história do filme etnográfico são estudados, seus textos, filmes e biografias, e uma parte prática de elaboração de roteiro, pesquisa, gravação e edição de um ensaio fílmico alinhado à pesquisa etnográfica. A primeira experiência de realizar um filme, tendo como foco central a pesquisa e o arcabouço da antropologia visual, permite aos estudantes iniciantes um contato transformador com o fazer fílmico etnográfico. Finalmente, a participação em uma mostra, que consiste em preenchimento de formulário, divulgação do filme nas redes sociais, acompanhar sua exibição, seja online, seja

20. Estas Mesas Redondas ao vivo via *Zoom*, ou *lives* da 3a Mostra, duravam cerca de duas a quatro horas. Permanecem disponíveis em: <https://www.youtube.com/c/LabArandu>. Data de acesso 2set21.

21. "Introdução à antropologia visual", ministrada pelo Prof. Oswaldo Giovannini Jr. em diferentes períodos desde 2015.

presencial, e ainda participar de um debate entre realizadores, fecha um ciclo na experiência de aprendizado dos iniciantes.

Outros momentos do curso de Rio Tinto proporcionam amadurecimento nesse campo de atividades. Duas outras disciplinas também fomentam realizações práticas em vários níveis de aprendizado: Técnicas e Estéticas do Audiovisual I e II e Antropologia Visual I e II. Seguindo o tripé da universidade baseado em ensino, extensão e pesquisa, os estudantes participam tanto de pesquisas de iniciação científica, sob a coordenação dos professores, quanto desenvolvem seus trabalhos individuais nos Trabalhos de Conclusão de Cursos (TCC). Nesse último caso, existe no curso a possibilidade da apresentação de um filme acompanhado de um relatório da pesquisa. Muitos destes resultados também foram exibidos nas três edições da Mostra Arandu e em outras mostras e festivais realizados no país.

Uma vez que "filmes em contextos de graduação" foi uma das categorias usadas na curadoria dos filmes da 3ª Mostra, tivemos desta vez a oportunidade de conhecer e debater ao vivo com autores de produções similares realizadas em outras partes do país. Em cursos de ciências sociais ou de antropologia, principalmente como iniciação científica ou como partes integrantes de TCCs, a produção audiovisual se faz presente, mesmo quando a antropologia visual não faz parte dos componentes curriculares obrigatórios. Essa expansão do filme etnográfico para os contextos de cursos de graduação no Brasil reflete, provavelmente, a articulação já antiga entre o ensino de antropologia visual na pós-graduação e os grupos de pesquisa da rede do CAV-ABA, articulação que levou, por exemplo, à criação do chamado Qualis audiovisual junto à CAPES (um roteiro para a qualificação da produção audiovisual nos cursos de pós-graduação).

Essa dimensão da 3ª Mostra procurou acentuar, portanto, o caráter formativo e integrador do evento, ao agregar filmes de jovens iniciantes juntamente com produções de pesquisadores cineastas mais experientes, já com diversos filmes anteriores. Além de fomentar a integração entre estudantes de cursos de graduação e pós-graduação com docentes pesquisadores, através dos debates nas mesas redondas ao vivo, quando era possível também ao público colocar questões, via *chat* do *Youtube*, aos participantes e debatedores das mesas. Esse momento de trocas ao vivo se estendeu ainda para além do tempo da transmissão do *Youtube*, quando convidávamos o público presente no *chat* para uma conversa informal e abríamos a sala virtual (na plataforma zoom) para todos(as), buscando vivenciar aqueles momentos finais de descontração, muito comuns após os eventos presenciais, nos corredores e cantinas.

FRONTEIRAS ENTRE CINEMA INDÍGENA E FILME ETNOGRÁFICO

A integração entre universidade e sociedade/comunidade através do filme etnográfico pode ser considerada, em especial, a partir da experiência de realização fílmica no contexto da formação pós-graduada de um estudante indígena Xavante, na Universidade Federal de Goiás (UFG). As fronteiras entre o chamado filme etnográfico e o cinema indígena são de

difícil demarcação. Desde trabalhos mais antigos como o de Karl Heider (1976) até obras mais recentes como o livro de Paul Henley (2020) sobre o filme etnográfico, as diversas características e a autoria destes filmes são pensadas como parte de um debate, no qual as comunidades abordadas pelos filmes tendem a criar suas próprias abordagens e estilos de realização fílmica, ao passo em que as dimensões participativas e colaborativas permanecem como uma linha de força importante nos filmes feitos em contextos de pesquisas antropológicas.

Como foi dito anteriormente, a cada semana tínhamos uma mesa redonda cujos debates eram transmitidos ao vivo no canal *Youtube* do Laboratório de Antropologia Visual Arandu[22]. Nesses debates participavam os(as) realizadores(as) dos filmes apresentados naquela semana, além de um mediador e de um debatedor convidado. Os convites para a participação nas mesas foram enviados todos juntos no fechamento da curadoria, posteriormente entrávamos em contato novamente com os participantes das mesas nas semanas imediatamente anteriores. Na mesa sobre a temática: "Produção de imagens e edição em casos de rituais e/ou grupos restritos", como não havíamos recebido retorno de um dos participantes, entramos em contato via rede social com ele. Trata-se do realizador do filme "Podem quebrar meu maracá, mas não vão quebrar a nossa tradição", realizado como parte da Dissertação de Mestrado de Fábio Ubreá, aluno Xavante e cotista da UFG, orientado pelo pelo professor Gabriel Alvarez, coordenador do LAPOE - Laboratório de Pesquisa Olhares Etnográficos.

Fábio é um Xavante na casa dos 40 anos, desenvolveu na sua pesquisa a abordagem fílmica de um ritual de iniciação do seu povo, dos Danhohi'wa e dos Wapté. Fábio Ubreá dirigiu as filmagens realizadas por seu cunhado, Ubirajara, durante vários dias, acompanhando os pontos chave da cerimônia Xavante. Seu objetivo foi "registrar a cerimônia para as próximas gerações e informar ao homem branco sobre a tradição Xavante''. O filme tem duração de 106´e foi totalmente filmado com um celular. Fábio se mostrou muito interessado e agradecido pela oportunidade de falar sobre o filme e expressou seu desejo de vir até nós para o debate. Ao ser lembrado do momento pandêmico recordou que já sabia da nova doença que se espalhava mas que, felizmente, havia esquecido por não estar vivenciando esse contexto na sua aldeia. Explicamos que o debate seria virtual e começamos a elaborar possibilidades para que ele participasse do debate, esbarramos em problemas: o acesso de Ubreá à rede de internet na aldeia era insuficiente para sua participação na mesa (para ter acesso a uma internet que permitisse sua participação, teria que se deslocar até a cidade em plena pandemia) e seu conhecimento do mundo virtual limitava-se ao uso das redes sociais.

Decidimos, após deliberarmos juntos sobre as possibilidades daquele momento, que ele pediria auxílio para o filho na gravação de um vídeo de apresentação e responderia por áudio algumas

22. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/LabArandu/videos> . Acesso em 2set2021.

perguntas sugeridas pela equipe da curadoria. Depois nos enviaria esse material gravado para que pudesse ser "escutado" no debate e assim foi feito. No dia do debate, participaram na mesa como representantes do filme de Ubreá, o Prof. Gabriel Alvarez, seu orientador, e Cíntia Di Giorgi, curadora que fez então a mediação para a apresentação dos áudios e do vídeo de Fábio, gravados especialmente para a ocasião. Nas suas falas ele detalhou como foi o processo de montagem da narrativa do filme, juntamente com seu orientador Gabriel Alvarez, que conduziu o trabalho pelo LAPOE. Tanto o olhar do cinegrafista Xavante, cunhado de Fábio, como a narrativa deste último, são de uma riqueza muito grande de detalhes. O primeiro corte do filme tinha oito horas. Seria preciso outra ocasião para avançar na discussão sobre esse trabalho, em termos do que representa no âmbito dos debates sobre o filme etnográfico e do cinema indígena.

Cabe destacar que o contexto de reclusão foi o que acabou por propiciar essa comunicação entre a organização da Mostra e um morador de uma aldeia Xavante, o qual se fez presente na mesa redonda[23] através do material gravado especialmente para a ocasião. Mais uma vez a relação que o filme etnográfico estabelece entre o conhecimento antropológico e a sociedade, no caso uma aldeia indígena Xavante, coloca em perspectiva a separação e as hierarquias que cercam o trabalho acadêmico. Nesse sentido, entendemos que o filme etnográfico é um dos caminhos possíveis para a construção de uma universidade popular e inclusiva, sintonizada com a democratização do conhecimento e com o respeito às populações historicamente alijadas dos processos de desenvolvimento nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dimensões da aprendizagem e da formação local, portanto, somaram-se às experiências mais avançadas de pesquisadores(as) de várias regiões do país, naquilo que se constituiu um ciclo de debates, conferências, mini-cursos e oficinas, entre 24 de agosto e 16 de outubro de 2020, possivelmente um dos primeiros eventos do gênero a experimentar o formato virtual, que passou a se tornar padrão desde fins de 2020. Destacamos também as conferências de abertura e de encerramento, respectivamente com as professoras Sylvia Caiuby Novaes com o tema "Por uma sensibilização do olhar – Sobre a importância da fotografia na formação do antropólogo" (NOVAES, 2021), e Ana Paula Alves Ribeiro com o tema "Os muitos caminhos do cinema negro no Brasil: circulação e recepção de filmes".[24] Outras participações ainda precisariam ser mencionadas, como as das professoras Cornélia Eckert e Patrícia Monte-Mór ou do professor Renato Athias, entre tantas outras presenças virtuais que estiveram conosco durante as diversas atividades da 3ª Mostra Arandu.

23. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=94XCw0STRNA>. Acesso em 2set2021.
24. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RQlRx4q6dJU>. Acesso em 2set2021.

O uso da internet na programação semanal dos filmes articulada à transmissão ao vivo das mesas redondas com realizadores(as) possibilitou ainda uma percepção estatística dos acessos e compartilhamentos. O formato *online* nos levou a atingir um público maior do que havíamos imaginado. Ao acompanhar semanalmente as estatísticas de acesso fornecidas pelo site da mostra (*Wordpress*) e pelo *Youtube*, podíamos repensar nossas estratégias de divulgação. De toda maneira, os resultados foram bastante animadores, no site da 3ª Mostra, por exemplo, constatamos ao longo das oito semanas do evento um total de 8.997 visitantes, os quais acessaram os conteúdos a partir de 24 países diferentes. Evidentemente que tais números não traduzem a qualidade da participação e do engajamento presencial, mas permitem, ao menos, uma aproximação àquilo que foi a experiência destes usuários de internet, com dados mais específicos sobre tempo médio de acesso, visualizações parciais etc.

Enfim, podemos dizer que a realização da 3a Mostra Arandu de Filmes Etnográficos, em pleno período de reclusão e crise sanitária, nos proporcionou experiências de acolhimento e aprendizados únicos que serão levados para as próximas edições. Aos poucos assistimos à adoção do formato *online* em outros festivais importantes, desde 2020, como o "É tudo verdade" ou a "Mostra ecofalante", bem como em outras mostras universitárias, com relativo aumento das possibilidades de acesso aos filmes de forma gratuita, ainda que às vezes por tempo limitado. Tais experiências constituem certamente pontos de fuga e esperança por dias melhores, em meio às situações de degradação política e sanitária por que tem passado nosso país.

REFERÊNCIAS:

AMORIM, Lara & FALCONE, Fernando T. (orgs.) *Cinema e memória*: o super-8 na Paraíba nos anos 1970 e 1980. João Pessoa: EdUFPB, 2013.

CORADINI, Lisabete. O ensino de antropologia visual na graduação. In_____ (Orgs) FERRAZ, Ana Lúcia de; MENDONÇA, João Martinho de. Antropologia Visual: Perspectivas de ensino e pesquisa. Brasília- DF: ABA, 2014.

FERRAZ, Ana Lúcia de. Etnografia em filme e ensino da antropologia: apontamentos de sala de aula. In_____ (Orgs) FERRAZ, Ana Lúcia de; MENDONÇA, João Martinho de. *Antropologia Visual:* Perspectivas de ensino e pesquisa. Brasília- DF: ABA, 2014.

HEIDER, Karl. *The ethnographic film*. Texas University Press. 1976.

HENLEY, Paul. *Beyond observation: a history of authorship in ethnographic film*. Manchester University Press, 2020.

MENDONÇA, João M. de & FERRAZ, Ana Lúcia C. M. *Antropologia Visual: perspectivas de ensino e pesquisa*, Brasília: ABA-ebooks, 2014.

NOVAES, Sylvia Caiuby. "Por uma sensibilização do olhar – Sobre a importância da fotografia na formação do antropólogo". *GIS - Gesto, Imagem E Som - Revista De Antropologia* 6 (1). São Paulo, Brasil. 2021.